

Publicado em: ABRALIN - Boletim da Associação Brasileira de Lingüística, 14,1993, pp. 425-434.

## A DIGRESSÃO COMO ESTRATÉGIA DISCURSIVA NA PRODUÇÃO DE TEXTOS ORAIS E ESCRITOS

Maria Lúcia da Cunha V. de Oliveira Andrade

*“As digressões são incontestavelmente a luz do sol – são a vida, a alma da leitura (...) elas trazem a variedade e impedem que a apetência venha a faltar”.*

*Laurence Sterne*

### Considerações iniciais

Este trabalho tem por objetivo estudar as digressões em textos orais e escritos produzidos por pessoas cultas, verificando em que medida, ao empregar essa estratégia, a interação recebe uma espécie de reorientação de seu sentido, revelando algo que está no horizonte do campo de percepção do locutor. Pretende-se verificar também como a digressão apresenta papéis definidos na construção textual (oral/escrita).

O *corpus* da pesquisa compõe-se de textos orais - retirados de materiais do Projeto NURC/SP (D2 343 e 360), entrevistas de TV e alguns trechos de conversações espontâneas<sup>1</sup> – e de textos escritos publicados na revista *Veja*, além do conto *O espelho* de Machado de Assis.

A digressão pode ser caracterizada como uma porção textual que não se acha diretamente relacionada com o segmento precedente nem com o que lhe segue; entretanto, não é acidental e tampouco cria uma ruptura da coerência, na medida em que é fruto de relações de relevância tópica.

Considerar a digressão como desvio no fluxo informacional (relevância tópica) passa a ser uma questão de perspectiva. Se considerada do ponto de vista textual ou de ação (ilocucionária), a digressão pode ser enigmática; porém, se considerada sob o enfoque interacional, passa a funcionar como uma estratégia por meio da qual se busca um determinado efeito de sentido.

A digressão implica a substituição de um domínio de relevâncias (tópico discursivo, ou seja, o assunto da atividade textual) por outro domínio diferente, que suspende momentaneamente aquele domínio anterior, colocando-o à margem do campo

---

<sup>1</sup> Os nomes dos interactantes, quando mencionados, foram trocados para preservar a privacidade das pessoas.

de percepção, enquanto o novo tópico discursivo assume posição focal. Como lembram Dascal e Katriel (1979, p. 78), “uma digressão pode ser caracterizada por duas mudanças tópicas sucessivas envolvendo os mesmos dois tópicos”. Esquemmatizando essa explicação, tem-se:

- 1<sup>a</sup>. etapa: retirada de um tópico (A);
- 2<sup>a</sup>. etapa: introdução de um tópico (B);
- 3<sup>a</sup>. etapa: retirada do tópico (A)
- 4<sup>a</sup>. etapa: reintrodução do tópico (A)

A digressão localiza-se, assim, na 2<sup>a</sup>. e 3<sup>a</sup>. etapas. Na verdade, ela é uma estratégia por meio da qual os interlocutores conduzem o texto, manifestando na materialidade lingüística o quadro de relevâncias acionado na situação enunciativa. O deslocamento e conseqüente focalização de um novo ponto no domínio de relevâncias se instaura a partir da percepção de um dos participantes e se efetiva por meio de marcas formais que apontam para algo que estava no *entorno* e que agora é inserido no contexto situacional.

### **1. A digressão no texto oral**

O contexto situacional em que o texto oral se efetiva manifesta-se no próprio texto, não de uma forma mecânica, mas por meio de um relacionamento sistemático entre o meio social, de um lado e a organização funcional da língua, de outro. Em outras palavras, texto e contexto apresentam-se integrados e um serve para predizer o outro. O texto oral é, portanto, um evento interativo, uma troca social de significados e tal troca se torna mais evidente na conversação espontânea, visto tratar-se de um tipo de texto em que as pessoas exploram todos os recursos da língua, e por ser um tipo de situação em que se pode improvisar, inovar e onde as mudanças no sistema acontecem.

A estrutura de um texto está relacionada ao contexto de situação, segundo Halliday (1989), de tal forma que as variáveis *campo* (o que realmente ocorre), *teor* (quem participa) e *modo* (a função que a língua desempenha), juntas, estabelecem a configuração contextual, podem ser usadas para fazer certas predições sobre a estrutura do texto, assim como a estrutura, que é desdobrada do próprio texto, pode ser usada como indicador para encontrar a natureza da configuração contextual. Tem-se, assim, uma relação de mão dupla entre a estrutura do texto e a configuração contextual: a estrutura do texto define e confirma a natureza da configuração contextual, enquanto

esta última atua como um ponto de referência para decidir que tipo de elementos podem aparecer, quando, onde e com que frequência.

Na visão de Hasan (1989), todo texto está encaixado em uma situação específica assim como em uma configuração contextual. Isso equivale a dizer que certos aspectos de um texto são determinados pelo aqui-agora daquela interação particular.

Para poder processar um texto oral, o locutor ativa sua percepção em relação à situação comunicativa. Esta, por sua vez, é acionada a partir de um conjunto pertinente de instruções para a conduta verbal na referida situação. Verifica-se, assim, que o contexto situacional determina as condições pragmáticas vigentes durante a interação verbal. Em outras palavras, o contexto situacional é a construção cognitiva (ou quadro) que o locutor faz da situação comunicativa.

A percepção da situação ocupa um lugar especial nesse contexto. O locutor percebe somente aqueles elementos da realidade circundante que considera relevantes para o desenvolvimento da interação. Assim, pode-se asseverar que o contexto situacional é uma criação individual, conforme já apontou Ibañez (1998), mas, para que esta criação se efetive, os demais contextos (cultural, biográfico individual e conhecimento de mundo) são acionados.<sup>2</sup>

### **1.1 Tipos de digressão**

Como a linguagem apresenta funções específicas que se refletem na estrutura textual e essa estrutura só pode ser compreendida a partir da referência a seu lugar no processo social, isto é, seu contexto, é conveniente observar e identificar na atividade interacional o que está ocorrendo em termos de estrutura. Assim, constata-se que os tipos de situação lingüística em que as digressões se estabelecem diferem entre si devido às três variáveis, já apontadas anteriormente: campo, teor e modo. A partir dessas três variáveis, pode-se determinar os três tipos de digressão já identificados por Dascal e Katriel (op. cit.), mas carregando a subdivisão da tipologia de um ônus mais relacionado à própria configuração contextual em que tais digressões surgem:

- a. campo: digressão lógico-experiencial (aquela, anteriormente, denominada digressão baseada no enunciado) estabelece certo propósito de natureza pessoal entre o tópico central e o digressivo;

---

<sup>2</sup> Este assunto foi tratado, pormenorizadamente, por ANDRADE (1998).

- b. teor: digressão interpessoal (anteriormente denominada digressão baseada na interação) relaciona-se a fatores de ordem contextual, revelando preocupações sociais entre os interlocutores, subdivide-se em:
- i- digressão interpessoal incidental: está vinculada a preocupações de ordem social, como a chegada de uma outra pessoa, por exemplo, e à necessidade de seguir-se as regras estabelecidas na comunidade;
  - ii- digressão interpessoal imediata: diz respeito à imediaticidade da situação enquanto relação entre o falante e a pertinência de algum objeto presente no *entorno*;
- c. modo: digressão retórica (anteriormente denominada digressão baseada em seqüência inserida) estabelece um vínculo de pertinência textual, ou seja, contribui para a textura da produção lingüística e divide-se em:
- i- digressão retórica didática: caracteriza-se por ser uma seqüência que modifica uma outra seqüência par, do tipo pergunta-resposta. Esse tipo é bastante comum e demonstra um aspecto interacional importante, visto que parece servir a uma variedade de atos de fala: corretivo, informativo, clarificatório, entre outros;
  - ii- digressão retórica persuasiva: revela uma certa manipulação da pergunta, orientando-a de alguma maneira. Um exemplo característico desse tipo de digressão se instaura quando o interlocutor cria uma paráfrase da pergunta com a finalidade de direcioná-la para certo objetivo, como se verifica em debates ou entrevistas.

Na construção de um texto oral em que se instaura uma digressão, nota-se que o falante traz para o contexto situacional algo que é próprio do contexto biográfico e/ou do contexto de conhecimento de mundo, ou seja, trata de influenciar a constituição do contexto situacional no outro interactante, em função de suas metas comunicativas, criando uma *digressão lógico-experiencial*<sup>3</sup>, visto que o foco da cena discursiva é direcionado para um propósito de natureza pessoal. Nesse caso, há negociação individual ou negociação de contexto em função do quadro de relevâncias que se estabelece na interação. Veja-se o exemplo a seguir<sup>4</sup> :

---

<sup>3</sup> Neste artigo, seguii-se a tipologia de digressões proposta por ANDRADE (1995).

<sup>4</sup> Os trechos em que ocorre uma digressão foram destacados em itálico.

- (1)  
 L2 tenho saído sim... assim em termos mas eu acho por exemplo::... de sair::... éh::... sabe sair por aí:: descobrir  
 [ uhn  
 L1 lugares novos e tal acho que meu conhecimento de São Paulo é muito restrito se comparar com papai por exemplo...  
 L1 eu fui:: quinta-feira... não foi terça-feira à noite fui lá no ( ) né? lá na Celso Furtado  
 L2 éh::  
 L1 passei ali em frente à:: Faculdade de Direito...*então estava lembrando... que ia muito lá quando tinha sete nove onze... (com) a titia sabe?... e:: está muito pior a cidade... está... o aspecto dos prédios assim é bem mais sujo... tudo acinzentado né?*  
 L2 uhn:: poluição né?  
 (D2 343: 12-25, p.17)

Nesse segmento, os interlocutores desenvolvem o tópico “Sair de carro para a cidade”, no momento em que L2 se refere aos seus conhecimentos de São Paulo e os compara ao do pai, fazendo uma pausa, L1 toma o turno e muda o tópico discursivo para “Opinião de L1 sobre o aspecto da cidade”; entretanto, ao referir-se à Faculdade de Direito, L1 faz uma pausa e cria, por meio do marcador “então”, uma *digressão lógico-experiencial*, introduzindo o tópico “Lembranças de L1”. A digressão é percebida não só pela mudança de relevância tópica (aspecto da cidade) para relevância marginal (lembranças de L1), mas também pela mudança discursiva temporal: de “passei” (pretérito perfeito narrativo) para “estava lembrando” (pretérito imperfeito narrativo-descritivo). L1 denuncia o esgotamento da digressão fazendo pausas e alongamentos e, finalmente, reintroduzindo o tópico “Opinião sobre a cidade” com o marcador “e::”.

Casos bastante significativos desse tipo de digressão podem ser observados em conversações espontâneas ou em entrevistas de TV como nos segmentos colocados a seguir:

- (2)  
 L1 eu fui ver um filme Ó::timo... Vestígios do Dia...  
 L2 ah;; me falaram que É muito bom  
 L3 *neste fim de semana?... você viu Filadélfia?*  
 L1 *vi sim... vi semana passada... este:: fim de sema::na vi...*  
 L3 *é BOM?*  
 L1 *eu NÃO gostei muito... achei MUIto TRISte porQUE é um filme sobre Aids e preconceito né?... o raPAZ ele é mandado embora é um advogado ilustre... ele não É mandado embora...porque tinha aids É mandado embora porque é homossexual... porque uma coLEga que tem aids e que NÃO É mandada embora.... quer dizer enTÃO fica CLARo que a firma usou dois pesos duas medidas*  
 L2 *ái ele entra na justiça*  
 L1 *ENTÃO:: ele entra na justiça... o filme é isso... e Filadélfia é a cidade dos direitos humanos... o FILme é MUI::TO bem interpretado MAS é um filme cheio de clichês POR exemplo é um filme que deseja*

*mostrar que os Estados Unidos são no fim das contas O:: PAÍS da justiça... onde MESmo que seja intolerante... você con::trata um BOM advogado o advogado GANha a CAUSA pra você É um filme ameriCano deMAIS:... pro meu gosto... Ele só vale pela interpretação de Tom Hanks que traBALha muito bem MAS a história É simples... MAS bom mesmo é Vestígios do Dia... esse filme é impressionante*

L2 você assistiu Vestígios do Dia?

L3 ainda não tive tem::po

L1 é LIN::do é:: impressioNANte... é uma adaptação né?  
(Conversação Espontânea 1)

L1 introduz o tópico “Último filme visto no cinema”, comentando a respeito de “Vestígios do dia”, mas é interrompido por L3 e todos os interlocutores começam a falar sobre o filme, “Filadélfia”. Após uma longa *digressão lógico-experiencial* sobre este último filme, L1 volta a introduzir o tópico relacionado a “Vestígios do dia”. Nesse segmento, a digressão baseia-se numa relação paradigmática ou associativa evocada a partir do item lexical “filme”, produzido por L1 em “eu fui ver um filme ó::timo... Vestígios do Dia...”. Vocábulo este que leva L3 a fazer uma associação com outro filme, deslocando o tópico sobre “Último filme visto” agora para “Filadélfia”. A volta ao tópico é feita por L1 que, depois de responder ao amigo, retoma a expressão avaliativa usada para caracterizar o filme, mas com certa variação: “bom mesmo é”.

(3)

L6 ...o que seu ministério fará sem dinheiro? se não há dinheiro nem pra quatorze reais de aumento do salário mínimo... depois de quatro meses de debate... nós tivemos a concessão por um mês só... o mês de janeiro...

[  
L5 parece que estão falando de uma verba de

[  
L2 (veja)... ()

L5 cento e vinte milhões... uma coisa assim... cento e vinte milhões...

[  
L2 não... veja... tem pouco dinheiro... Salomão... pra... má/ não é tão miserável assim que não possa fazer nada... compreende? *aliás... eu acho que no Brasil... nós precisamos... eu... eu acho muito importante que os jornalistas sobretudo... não é? cutuquem os temas de maneira direta... não é?* agora... é também é... também é preciso perceber que no Brasil...

(Programa Entrevista Coletiva – Francisco Weffort, p. 101-102)

Nessa parte da entrevista, os locutores (cinco jornalistas e o ministro Francisco Weffort) desenvolvem o tópico relativo aos problemas de verba enfrentados pelo ministério da cultura, quando L2 (o então ministro da cultura) faz uso de uma *digressão lógico-experiencial* referente ao papel do jornalista, como elemento que deve apontar os problemas de forma direta. A volta ao tópico prévio é estabelecida por meio do marcador “agora”.

Por sua vez, o falante pode evidenciar no contexto situacional elementos do contexto cultural, já que se tornam relevantes, motivacionalmente, elementos externos ou regras de conduta da atividade social, estabelecendo uma *digressão interpessoal incidental*.

(4)

L1 é... olha só... o que é que... o que é que... ahn... quantos *shows* por ano? com essa loucura agora que tão de ( )... (o quê) todo dia cês fazem *show*... ou não?

L2 depende da época do ano... né... Jô? esse ano a gente deve fechar o ano com uma média de cento e sessenta...

L3 [ *toma uma aguinha (aqui do Luís Fernando Guimarães) por que não deram pra nós... né?*

L1 a água troca... a água troca...

L3 [ *não... vou tomar a dele mesmo...*

L1 [ *na/não... já não vai... porque todo intervalo a gente troca a água pra um não ficar bebendo a baba do outro... claro... ((risos))*

L3 [ *a:... eu não vi...*

L1 a gente sempre troca...

L2 ( ) a curiosidade desse negócio que tinha aqui dentro... Jô...

L1 [ *não... varia...*

L3 [ ( ) *you falou que era preto... agora é branco...*

L1 *pois é... toda vez eu tenho que falar... tem vezes que é água... tem vezes que é água de coco... tem vezes que é... refrigerante*

L3 [ *pinga*

L1 *dietético de vários tipos...*

L2 [ *mas cê tava falando do show... esse ano a gente deve fechar com cento e sessenta e cinco... cento e setenta shows por ano...*

(Programa Jô Onze e Meia – Zezé de Camargo e Luciano, p. 17-18)

Nessa entrevista, L2 (o cantor Zezé de Camargo) está desenvolvendo o tópico relativo ao número de *shows* feitos pela dupla, mas L3 (o cantor Luciano) interrompe para oferecer água a seu companheiro. A seguir, passam a desenvolver o tópico relativo ao conteúdo da caneca. L1 (o entrevistador Jô Soares) dá as explicações devidas e L2 volta a desenvolver o tópico sobre os *shows*.

(5)

L1 enTÃO... vocês gosTARAM do projeto da casa?

L2 está Ótimo... adoraria morar numa casa como essa...

L3 pena que eu não dirijo... e Arujá cinco fica lon::ge demais do meu trabalho...

L2 mesmo que você dirigisse... Paula... não teria condições... já penSOU:: quanto tem::po você levaria atravessando toda a marginal até chegar a USP...

L3 é:: Rodolfo... só quando você construir Pinheiros QUATRO ((risos))

Garçonete: *café com aÇÚcar... ou adoçante?...*

L1 *adoçante...*

Garçonete: *aqui está*

L1 *obrigado*

L2 mas... FOra de brincadeira... Rodolfo ( ) se NÓS puDÉssemos... compraRÍAmos essa Casa... quando ficasse pronta...

L1 eu tô pensan::do em ficar com ela para mim... mas... CLARo... se eu tiver o dinhei::ro para pagar os cotistas...

L3 mas eu acho que/ que o João vai querer comprar também...

L2 ótimo... assim o preço SObe... e NÓS como cotistas... ganhamos

mais dinheiro... quem oferece MAIS... Leva  
 L1 ficando esperTI::nho hem::  
 (Conversação Espontânea 2)

Nessa conversação, os interlocutores estão num Café e, depois de fazerem o pedido, desenvolvem o tópico “Projeto da casa de Arujá”. Entretanto, são interrompidos pela garçonete que vem trazendo o pedido e pergunta se desejam “café com açúcar ou adoçante”. Nesse momento, tem-se uma *digressão interpessoal incidental*, visto que está relacionada a um fator de ordem contextual: os interlocutores têm preocupações sociais e necessitam interagir de acordo com as normas, isto é, estão num Café, fizeram um pedido e a garçonete faz o seu papel servindo aos clientes. Após serem atendidos, L1 agradece em nome dos demais e a garçonete se retira. Há uma mudança de alinhamento entre a conversa dos três amigos e a chegada da garçonete, que se evidencia pela mudança de entonação e postura dos participantes, anteriormente mais descontraídos e alegres, agora sérios e solícitos. Em relação ao domínio de relevância, observa-se que agora ela é motivacional, já que o tópico central (“Projeto da casa”) fica suspenso temporariamente e dá lugar ao interesse dos participantes (serem servidos e desempenharem seus papéis de pessoas educadas e cordiais). Há, portanto, um deslocamento do tópico devido ao teor do discurso, englobando elementos do contexto de situação e das relações sociais.

O falante pode ainda introduzir uma *digressão interpessoal imediata* ao fazer uso da relação existente entre ele próprio e a pertinência de algum elemento ou objeto presente no *entorno*. Veja-se o trecho a seguir:

(6)

L1 é coitadinho... porque ele tá tão a perigo... a gente nota que ele tá... cê tá com uma cara de quem tá com o boi na sombra e o irmão com a cara de aflito... ((risos)) não sei porque (que é isso)...

L2 não... mas a última grana que eu tinha eu gastei em alfinete... pra por na minha calça... ( )

L1  
 não tinha olhado essa calça ainda...  
 [ rapaz... eu

L2  
 e eu fiz um compromisso aqui com a galera... aqui com o pessoal do seu programa... da platéia... de que no final eu vou dá um alfinete pra cada um deles... ( ) ((aplausos))

L1 rapaz... deu pra dar um detalhe... deu... heim?

L2 isso aqui na verdade... é o seguinte... né... porque eu tenho um neném novinho agora... um filho com nove meses... quando nasceu eu

L1  
 com nove meses...

L2 fui compra/ é... comprei logo uma caixa de alfinete... levei pra casa... mulher “pra que isso...” “isso aqui pra amarrar as fraldas...” ela falou “cê tá... há vinte anos atrás rapaz...”

[



L1 *atrasado*  
 L2 *o negócio agora é descartável...*  
 [ *é claro...*  
 L1  
 L2 *ai eu peguei e fiz...*  
 [ *botou na calça...*  
 L1  
 L2 *botei na calça aqui...*  
 [ *o:...*  
 L1  
 Arafat... cê já mostrou aqui o... o... ((risos))  
 (Programa Jô Onze e Meia – Zezé de Camargo e Luciano, p. 19)

Nesse segmento, os interlocutores desenvolvem o tópico relativo aos contratos e *shows* marcados para aquele ano, quando L1 passa a comentar a respeito da fisionomia de L2. Este procura-se justificar, fazendo alusão ao motivo de ter colocado tantos alfinetes em sua calça. O elemento que provoca a digressão interpessoal (relação de L1 com o fisionomia de seu interlocutor na imediaticidade do contexto situacional) é a referência que o entrevistador faz à expressão de aflição de L2.

Para analisar como se processa a interação, neste trecho, foi preciso observar o teor do discurso. Houve uma mudança no domínio de relevância provocada por um elemento de ordem contextual (a expressão de L2) que se manifesta na fala de L1.

(7)

L1 porque... eu fiz o curso normal... porque eu havia perdido o meu pai fazia:: ah no no primeiro colegial e:: eu precisava ter uma ah optar por uma carreira pro/ -- *meu relógio está atrapalhando a nossa* -- ... por uma carreira profissionalizante... eu achei que as coisas dali para frente seriam mais difíceis eu comecei o colegial...  
 (SP D2 360: 1562-7, p. 175)

L1 responde a uma pergunta de L2, introduzindo o tópico “Necessidade de carreira profissionalizante de L1”. Nesse segmento, a locutora diz por que escolheu a carreira profissionalizante, mas interrompe o desenvolvimento do tópico e faz uma *digressão interpessoal imediata* ao mencionar o problema do horário: “meu relógio está atrapalhando a nossa”. A interrupção é rápida e relaciona-se algo que está presente no *entorno* e torna-se relevante para o locutor. Ao introduzir o tópico prévio, L1 repete a última estrutura utilizada antes da digressão: “por uma carreira profissionalizante...”.

(8)

L2 não::... o cruzamento é ali adiante... mas não é para entrar ainda neste PONto você daí para Jundiá... nós só vamos sair lá no fim  
 L1 Vitor... você conhece esta estrada como a PALma da MÃO né  
 L2 conheço bem  
 [ *então... descreva a PALma da mão* ((risos))  
 L1

- L2 faz uns DOze anos que eu viajo por aqui TOda semana... esta estrada é muito boa... é gostosa de dirigir  
 L1 *é engraçado essa coisa de provérbio... outro dia o Bussunda mencionou aquele éh... “ele JOga como um leão... você já viu como um leão joga?... NADA”* ((risos))  
 L2 *é... às vezes o Bussunda e:: o pessoal que trabalha com ele no programa “Casseta e Planeta” têm sacadas interessantes... mas em:: outras...*  
 L1 *uhn uhn... esta estrada é realmen::te mui::to boa... veja só...*  
 (Conversação Espontânea 3)

Nesse exemplo, L1 faz alusão ao fato de seu amigo conhecer bem a estrada pela qual estão viajando e emprega o termo “palma da mão”. L2 confirma conhecer bem a estrada, mas L1 toma o turno e, ironicamente, pede que o outro descreva a palma da mão. L2 torna a mencionar que há muito tempo viaja por aquela estrada, mas L1 está interessado em voltar a falar sobre o provérbio mencionado anteriormente, então faz um comentário acerca do programa “Casseta e Planeta”, criando uma *digressão interpessoal imediata*, dado que o locutor atribui valor a um elemento do entorno e efetiva uma relevância motivacional, fazendo com que esse elemento seja incorporado à situação discursiva.

Por fim, o falante pode estabelecer um vínculo de pertinência textual, ou seja, contribuir para a textura da produção lingüística, instaurando no contexto situacional elementos relevantes ao contexto cultural, biográfico individual ou de conhecimento de mundo. Neste caso, tem-se uma *digressão retórica didática* como se pode observar no trecho a seguir:

- (9)  
 L1 você acha que... desenvolvimento é BOM ou ruim?  
 L2 *desenvolvimento em que sentido?*  
 L1 *crescimento... o Brasil diz-se basicamente subdesenvolvido e diz-se também que ele está crescendo... se desenvolvendo... parece que está saindo de uma condição de subdesenvolvido para chegar sei lá numa de desenvolvido... okay?... uma:: um caminho*  
 L2 *ahn ahn*  
 L1 *agora PE::gue... os indivíduos... desse país... é melhor ou é pior para eles isso?*  
 L2 não sei porque acho que aí quando se fala em desenvolvimento geralmente está se falando num plano né? ((...))  
 (SP D2 343: 497-509, p. 29-30)

L2 pede uma informação sobre o sentido do termo “desenvolvimento” (ato de fala clarificador), pois é provável que não o tenha compreendido totalmente, evidenciando que o contexto de conhecimento de mundo não é plenamente partilhado pelos dois participantes. Para poder sanar a dúvida da interlocutora e garantir a inteligibilidade do discurso, L1 relaciona o termo que causou toda a dificuldade a outro

(“crescimento”); a seguir, para deixar mais evidente ainda o significado pretendido, faz uso de um exemplo ( “agora PE::gue... os indivíduos...desse país... é melhor ou pior para eles isso?” ). Tem-se, então, *uma digressão retórica didática*, já que não há a introdução de um novo tópico, mas uma mudança em relação ao foco. Passa-se de um ponto de centração a outro, isto é, há um deslocamento do domínio de relevância tópica para uma relevância de ordem metaconversacional ou metalingüística. A resposta de L1 à pergunta feita por L2 se dá por meio de construções parafrásticas com o intuito de expandir a noção de “desenvolvimento”: ação ou ato de sair da condição de subdesenvolvimento. Após a digressão, L2 tem condições de responder à questão proposta e faz uso da repetição do termo “desenvolvimento” para voltar ao tópico prévio.

O mesmo tipo de ocorrência, isto é, após uma pergunta feita por um dos locutores, o outro faz um pedido de esclarecimento, para em seguida desenvolver o tópico em questão, o que pode ser observado no exemplo a seguir :

(10)

L4 já deu pra fazer um plano de rescalonamento dessa dívida... aí?

L2 de qual?

L4 dessa dívida total... já deu pra estabelecer uma estratégia... ou é muito cedo ainda?

[

L2 ah... depende... você tem que analisar cada uma das coisas separadamente...

(Programa Entrevista Coletiva – Mário Covas, p. 116)

Um dos locutores pode, também, fazer uma pergunta, não para solicitar qualquer esclarecimento, mas para manipular seu interlocutor, orientado seus argumentos de alguma maneira. Um exemplo característico desse tipo de digressão se instaura quando o locutor cria uma paráfrase da pergunta com a finalidade de direcioná-la para certo objetivo, estabelecendo uma *digressão retórica persuasiva*, como se verifica nos exemplos a seguir:

(11)

L4 o papel do governante aí no caso... governador... o senhor desculpe... é criar uma estrutura que fique a salvo dessa politização maluca aí... que volta e meia vota...

[

L2 perfeitamente...

[

L4 ué ... isso

não é ( )...

[

L2 e você acha que isso que tá acontecendo impede tal ou qual pessoa de ser eleita?

L4 de ser eleita não... de tomar... de... de politizar do jeito que foi feito... se se estabelece as regras definitivas que impeçam...

[

- L2 *quais definitivas? que alguém quando chegar no governo aja em relação às suas escolhas da mesma maneira que eu?*  
[
- L4 *não...*  
[
- L2 *que tipo de regra eu posso impor à empresa de tal maneira a que... quem quer que seja como acionista majoritário... não vá dispor sobre isso segundo a sua vocação...*
- L4 *tem maneiras legais de estabelecer conselhos que evitem esse poder*  
[
- L2 *sim mas os conselhos estão aí... os conselhos existem...*  
[
- L4 *mas num ( )...*  
[
- L2 *os conselhos existem...*  
(Programa Entrevista Coletiva – Mário Covas, p. 125)

No exemplo dado, os locutores desenvolvem o tópico “Papel do governante”, entretanto L2 (o governador Mário Covas) não aceita as observações do jornalista e passa a questioná-lo, fazendo uso de perguntas manipulatórias que provocam pausas no fluxo informacional e visam a preparar o interlocutor para aceitar as objeções que fará em relação ao tópico em andamento.

- (12)  
L2 e eu acho que a gente está num período de decadência  
[
- L1 *veja o seguinte... cada vez não aumenta mais a prioridade de... ter hecatombe?... ou é mais fácil?...*
- L2 *atualmente?*  
[
- L1 *pelo menos teoricamente?...*
- L2 *ahn*
- L1 *é né?*
- L2 *ahn ahn...*
- L1 *cada vez não se aumenta mais essa pro/ essa::... potencialidade de fazer:: uma hecatombe?*
- L2 *ahn ahn*
- L1 *então*  
[
- L2 *mas isso está dentro de um ciclo né? maior... ou você acha que não?...*
- L1 *ou seja... uma época há vontade de fazer hecatombe outra época não há... de qualquer maneira... numa época ou noutra a tua potencialidade de fazer hecatombe aumenta né? então você veja a própria bomba atômica né?... ((...))*

(SP D2 343: 1689-1708, p. 58-59)

No segmento prévio ao trecho digressivo, L2 faz uma pergunta em relação à pergunta de L1 sobre a época em que pode haver prioridade de ocorrência de hecatombe; tem-se, portanto, uma digressão retórica didática (segmento que vai da linha

1693 a 1696). Após a dúvida de L2 ser sanada, L1 repete a pergunta não para esclarecer algum ponto da questão, e sim para persuadir a interlocutora quanto à probabilidade de acontecer uma nova hecatombe, fazendo-a inferir (isso fica evidente com o uso do marcador “então”) os motivos pelos quais a teoria por ele apresentada está correta.

Para a construção do significado comunicativo de interações verbais contendo digressões, torna-se fundamental a observação do contexto situacional e da verificação de que elementos dos demais contextos (cultural, biográfico individual, conhecimento de mundo) afloram, determinando a configuração contextual e as condições pragmáticas vigentes durante a interação. Assim, o contexto manifesta-se através de uma forma de relevância (central, marginal, motivacional ou metalingüística) que envolve a atividade conversacional quer como presença, quer como saber dos interlocutores.

Ao se afirmar que, por meio da digressão, a interação verbal recebe uma espécie de reorientação de seu sentido, pretendeu-se dizer que a digressão opera uma mudança de foco em relação ao tópico discursivo em andamento, revelando algo que está no horizonte do campo de percepção do falante. Desejou-se também afirmar que a digressão tem papéis definidos na construção textual, de base informacional ou interacional na organização tópica. Isso se deve ao fato de que toda a digressão circunscreve a significação tópica no âmbito de significações mais amplas, geradas pelo espaço discursivo, emergentes graças ao olhar que pelo menos um dos interlocutores lança em relação ao quadro discursivo no qual a interação se efetiva. Em outras palavras, a digressão revela o “lugar” de onde emerge a relevância de seu conteúdo agora contextualizado.

Por meio da explicitação verbal desse lugar de processamento discursivo, realiza-se a integração textual da digressão: focalizando e instaurando novas relevâncias, a digressão torna-se um tópico efetivo do texto, articulado aos demais, na medida em que espelha a geração de tais relevâncias, criando um movimento próprio. Talvez até se poderia dizer “estético”: se se imagina a progressão tópica como uma linha reta, a digressão faria com que essa linha se tornasse uma “serpentina”<sup>5</sup>, trazendo vivacidade ao discurso e carregando-o de um matiz singular.

---

<sup>5</sup> Termo retirado de José Paulo Paes na introdução à obra de Laurence Sterne, *A vida e as opiniões do cavaleiro Tristram Shandy*, romance significativo pelas digressões que apresenta, publicado no Rio de Janeiro, pela Editora Nova Fronteira, em 1984, p. 31.

As análises feitas permitem afirmar que, de acordo com os objetivos, os interlocutores organizam suas ações de modo a alcançar os fins a que se propuseram no início da interação e que as digressões se instauram como estratégias discursivas na organização do texto oral. Em outras palavras, a digressão instaura na significação tópica elementos que pertencem ao espaço discursivo em que se tornam emergentes devido à percepção de um dos interlocutores, evidenciando que o quadro discursivo se compõe de elementos centrais e marginais passíveis de se tornarem focais devido a uma escolha realizada durante a atividade interacional.

Sendo o texto conversacional fruto de uma atividade de co-produção discursiva (Marcuschi, 1986), o tópico precisa ser visto como algo dinâmico e resultante de deslocamentos operados pelos interactantes, de domínios de relevância “centrais” para relevâncias “marginais”, provocados pela introdução de novos domínios mencionáveis na interação, a partir de outros já existentes, ou de associações, ou ainda de implicaturas<sup>6</sup>. O interesse dos participantes para que a atividade flua é, muitas vezes, responsável pela ocorrência de trechos digressivos, mas que devem ser encarados como estratégias discursivas empregadas por um dos interlocutores, na medida em que este relaciona e aciona o campo, o teor ou o modo do discurso, com o intuito de garantir não só a continuidade do desenvolvimento do tópico mas também a construção de sua coerência.

## **2. A digressão no texto escrito**

Na construção de um texto escrito, a digressão seria uma fuga - ainda que momentânea - da meta original para uma aparente incursão através dos prováveis anseios do leitor. Segundo Moisés (1978, p. 152), a digressão pode apresentar qualquer tamanho e ser inserida em qualquer parte do texto e em obras de toda natureza. Acrescenta ainda que ela constitui “expediente difícil de manejar, uma vez que pode comprometer a integridade da obra em que se inscreve”; entretanto, ainda não se fez um estudo pormenorizado desse assunto.

No discurso jornalístico, por exemplo, as digressões são normalmente destacadas sob a forma de quadros com comentários ou informações paralelas a que se remete no

---

<sup>6</sup> Sentido derivado, que se atribui a um enunciado a partir da constatação de que seu sentido literal seria irrelevante na situação. Exemplo: Numa interação em que os participantes estão preparando um bolo e após a pergunta feita por A: “Você viu onde está o vidro de baunilha?”, B responde: “Você perdeu seu óculos?” e A complementa: “A propósito, você leu aquele artigo sobre miopia que saiu na revista Cláudia?”, o desvio tópico baseia-se na implicatura do enunciado de B, em detrimento de alguma particularidade do próprio enunciado: “Você está ficando cada vez mais míope” ou “Pessoas míopes devem usar óculos, onde estão os seus?”.

corpo da reportagem. Atualmente, a linguagem jornalística busca estruturar o seu discurso a partir do estabelecimento de articulações entre os elementos que compõem uma texto, deixando para o leitor a tarefa de fazer as devidas associações entre a imagem (fotos, desenhos, gráficos), os quadros em destaque por meio de cor (textos paralelos ou digressivos) e o texto base. As conseqüências dessa atitude são fundamentais, pois apontam a orientação argumentativa como um fator essencial de coesão e coerência textuais, visando à compreensão, à expressividade e, por que não dizer, à persuasão.

Conforme observa Dias (1996, p. 39), “a linguagem jornalística compõe-se de uma conjugação simultânea de diversas linguagens: a linguagem verbal escrita, a linguagem fotográfica, a linguagem gráfica e a linguagem diagramática (que se refere aos diagramas da informação no espaço da página)”. Segundo a autora, a linguagem jornalística contemporânea torna-se uma espécie de “língua veicular”, língua essa que pressupõe um estilo que leva em conta todos os níveis socioculturais.

Na revista *Veja*, edição de 29 de setembro de 1999, a reportagem de capa é do ex- ministro Ciro Gomes, que aparece na foto com uma expressão sorridente e onde se lê a seguinte manchete:

“A ESQUERDA LIGHT: Alimentado pela impopularidade de FHC, Ciro Gomes ganha a classe média e assusta o PT”.

A reportagem, que vai da página 34 a 92, apresenta-se com a manchete:

“A CARA DA NOVA OPOSIÇÃO: Ciro Gomes sobe nas pesquisas ao atrair descontentes com o governo e os que temem o PT”.

Há fotos, quadros com estatísticas e pesquisas feitas por *Veja-VoxPopuli* e também três quadros que podem ser analisados como digressões, na medida em que estão relacionados com o tópico discursivo “Ciro Gomes: o novo fenômeno da política brasileira”, e são textos que seguem paralelamente o texto básico, que vem na cor branca. Embora marginais, esses textos servem para compor a imagem do fenômeno político *Ciro Gomes* e são os seguintes:

Texto 1 (p. 37):

“O reduto político dos Gomes”, em que se desenvolve o tópico relativo à cidade de Sobral, reduto da família Gomes. Ao lado do texto, que vem na cor bege, há uma foto de Cid Gomes, irmão de *Ciro*, considerado o prefeito mais popular do Ceará.

Texto 2 (p. 38-39):

“Nem o divórcio os separou”: pequena matéria assinada por Dina Duarte, jornalista de Fortaleza, a respeito de Patrícia Gomes, deputada pelo PPS e separada há seis meses de *Ciro*. O pequeno texto revela que Patrícia conta com o apoio do ex-marido para disputar as eleições à prefeitura de Fortaleza. A distribuição do texto entre duas páginas é também um ponto a destacar, pois o texto vem em cor bege, com uma foto que mostra Patrícia em sua mesa de trabalho e no texto central há uma foto de *Ciro Gomes* rodeado de pessoas e cumprimentando a atriz Patrícia Pillar. A foto apresenta a seguinte legenda: “O primeiro encontro de *Ciro* com Patrícia Pillar: namoro às escondidas”.

Texto 3 (p. 40-41)

“*Ciro* e Cérebro”: este texto é o mais longo e talvez o mais significativo de toda a reportagem. O tópico desenvolvido nesta digressão é a respeito de Roberto Mangabeira Unger, professor da escola de direito da Universidade de Harvard, nos E.U.A., a sua influência sobre *Ciro Gomes* e o que a nova dupla *Ciro* e Unger propõem concretamente. Esse quadro, também em cor bege, é acompanhado de duas fotos:

- a- uma, à esquerda, do rosto de Unger, bastante carrancudo, seguida da legenda: “Magabeira Unger: complexidades que não se desbastam nem a golpes de facão”. A foto ultrapassa o espaço do quadro e invade o texto básico ou tópico central.
- b- outra, à direita, das personagens de desenho animado *Pinky* e *Cérebro*, bastante conhecidas pelas pessoas que assistem à TV a cabo, especificamente no canal Cartoon Network. A legenda da foto é: “*Pinky* e *Cérebro*: ‘Vamos conquistar os



‘ mundo’ ”. Para o público que acompanha esse programa, a personagem Pinky caracteriza-se por ser um rato magro e alto que é deslumbrado, um tanto imbecil e conhecedor de tudo o que passa na TV. Cérebro, por sua vez, é um rato pequeno, com uma cabeça enorme, cara de malvado e que só pensa em conquistar o mundo.

Se o leitor fizer uma associação entre as personagens do desenho e as da política, não apenas por meio das fotos, mas também das idéias colocadas, verificará que o texto, aparentemente, paralelo ou digressivo, é o que dá o tom à reportagem. Como se sabe, a analogia estabelece uma semelhança parcial de traços que podem servir de base a uma comparação e, ainda, ser empregada como estratégia persuasiva. Na verdade, a construção textual é marcada pelas escolhas de um sujeito enunciativo que cria o discurso, visando aos efeitos de sentido que devem ser produzidos no enunciatário (leitor).

Na visão de Brait (1994/1995, p.20), “a linguagem é sempre, em maior ou menor grau, uma forma de persuasão, de levar o outro a aderir a um ponto de vista”. Entretanto, é preciso lembrar as palavras de Landowski (1989): “o texto jornalístico é uma forma objetivante de narrar o cotidiano, mas que necessariamente passa pela forma subjetivante imposta pela constituição de um discurso”.

Outros exemplos também significativos de textos jornalísticos que buscam, por meio da digressão, complementar a informação para o leitor são os apresentados na revistas *Veja* de 2 de junho e 16 de junho, respectivamente.

No primeiro texto, uma reportagem sobre televisão intitulada “Desejo fraco”, em que o jornalista Manoel Fernandes desenvolve o tópico discursivo sobre a novela “Força de um desejo”, transmitida no horário das 6 horas, pela Rede Globo. O texto revela que, embora tenha sido planejada para recuperar a audiência, a novela é um fracasso. Paralelamente, em um quadro abaixo, num texto assinado por Ricardo Valladares e intitulado “Enquanto isso...”, mostra-se como as outras emissoras (Sbt e Record) vêm conseguindo se manter e concorrer com a Globo na produção de novelas.

Já no segundo texto sobre livros, o jornalista Diego Mainardi comenta, no artigo “Berlinda Russa”, como Dostoiévski é retratado em duas obras de cunho biográfico: “Meu marido Dostoiévski” de Anna Grigorievna, obra escrita em 1911 e só agora lançada no Brasil; e “As sementes da Revolta: 1821 a 1849” escrita pelo professor americano Joseph Frank, indicando que este é o primeiro volume de uma obra escrita num intervalo de duas décadas e publicada em cinco volumes.

O jornalista busca analisar as duas obras e oferecer ao leitor um contraponto entre as duas biografias, opondo o estilo anedótico de Anna Grigorievna e o método centrado exclusivamente na arte literária de Dostoievski. Entretanto, este artigo é acompanhado também por outro, que aparece em um quadro de fundo bege, intitulado “Até tu, Miguel de Cervantes”, assinado por C.G. Este texto versa sobre uma biografia escrita por Fernando Arrabal, lançada recentemente, cujo título é “Um escravo chamado Cervantes”. Segundo o texto, Arrabal conseguiu desvencilhar os pontos obscuros da vida de Cervantes, que sempre semeou pistas falsas sobre sua história. Cabe ao leitor fazer a ligação entre os textos, que se estabelece a partir do domínio de relevância, focalizado em relação a duas vidas devassadas por biografias reveladoras sobre aspectos íntimos dos escritores retratados.

Sendo a estratégia de uso de digressões uma forma de argumentação, o aspecto comum entre os textos analisados está em buscar, na interação com o enunciatário, criar um jogo em que a informação deve ser recebida, mas visando à formação de opiniões e mudança de atitudes.

No texto literário, a digressão foi até hoje pouco estudada e é merecedora de atenção especial. Entretanto, neste artigo, apenas farei uma breve discussão do tema, dada a sua complexidade, deixando para um outro momento uma abordagem mais específica.

No conto “O espelho” de Machado de Assis, publicado na obra *Papéis Avulsos*, em 1882, há uma ocorrência bastante interessante: o enunciador conta a história de “quatro ou cinco cavalheiros” que, numa dada noite, debatiam “várias questões de alta transcendência, sem que a disparidade dos votos trouxesse a menor alteração aos espíritos”(p, 345). Na verdade, os que debatiam eram quatro, pois o quinto homem, chamado Jacobina, permanecia o tempo todo calado: “Não discutia nunca; e defendia-se da abstenção com um paradoxo, dizendo que a discussão é a forma polida do instinto batalhador, que jaz no homem, como uma herança bestial; e acrescentava que os serafins e os querubins não controvertiam nada, e aliás, eram a perfeição espiritual e eterna” (p.345).

No meio da noite, após discutirem muito sobre a natureza da alma humana, um dos amigos pede a Jacobina alguma opinião. Este diz que não irá discutir, somente aceita contar um caso de sua vida, em que ressaltará “a mais clara demonstração acerca da matéria de que se trata”, desde que todos permaneçam calados. Assim faz: afirma que não há apenas uma alma, mas duas e passa a narrar um fato de sua mocidade.

Bem ao estilo machadiano, há uma grande digressão que é a “essência” ou núcleo temático do conto e, por meio da qual, compreende-se não só o título “O espelho”, como também o subtítulo da narrativa: “Esboço de uma nova teoria da alma humana”. Nas últimas linhas, o Jacobina<sup>7</sup>, narrador-personagem, do trecho digressivo diz:

“Cada dia, a uma certa hora, vestia-me de alferes, e sentava-me diante do espelho, lendo, olhando meditando; no fim de duas, três horas, despia-me outra vez. Com esse regímen pude atravessar mais seis dias de solidão, sem os sentir...” (p. 352)

E a narrativa termina com a volta ao tópico prévio:

“Quando os outros voltaram a si, o narrador tinha descido as escadas”(p. 352). Em que há possivelmente um embricamento das vozes do enunciador 1 (ou narrador-onisciente) e o enunciador 2 (ou narrador-personagem Jacobina), construindo-se uma relação especular.

Segundo Lajolo (1980:101), “a calma, o ritmo pausado com que Machado nos faz entrar no mundo de suas personagens, a completa ausência de pressa na narração dos episódios são uma forma de distanciamento. As ações se desenrolam preguiçosamente e o narrador, volta e meia, as interrompe para fixar a sua (e a nossa) atenção em elementos circunstanciais e periféricos”.

O objetivo deste breve comentário sobre o conto “O espelho” não foi discutir o elemento literário do texto, mas a interação estabelecida na relação enunciador(es)-enunciatário e como o uso da digressão cria uma economia na narrativa e um jogo na relação entre os enunciadores que acaba refletindo, metalinguisticamente, o que é o ato enunciativo: o discurso é a matéria do conto.

### **Considerações Finais**

Embora alguns estudiosos questionem a existência da digressão (cf. Koch: 1990), por meio das análises feitas, pôde-se observar que ela é uma estratégia empregada pelo usuário da língua (oral ou escrita) com o intuito de converter o “excesso” em algo que parece aflorar da ocasião (elemento do contexto situacional) ou da necessidade (reforçar um argumento, ilustrar ou preparar uma prova, esclarecer um

---

<sup>7</sup> A relação do nome Jacobina (derivado do local que serviu de sede de um clube político revolucionário fundado em Paris em 1789, ou seja, a biblioteca dos monges dominicanos ou jacobinos) e o termo alma (que pode ser usado para traduzir o hebreu *nefesh*, significando *infeliz*; ou na linguagem comum, reflete o complexo de idéias que remontam à filosofia grega passada através do escolasticismo medieval) merece

enunciado, entre outros), transformando-se em uma possibilidade para fazer emergir algo que estava latente naquele ponto da atividade discursiva.

Concluindo, deve-se tomar a digressão como uma estratégia que, dada a sua regularidade, permite a recriação de uma regra discursiva que começou com Córax e passou por várias transformações, mas não perdeu o seu caráter de elemento suspensivo e flutuante: excesso ou desvio momentâneo que traz vivacidade ao jogo textual e permite um envolvimento maior dos participantes. A propósito, as digressões realmente existem.

## BIBLIOGRAFIA

- ANDRADE, M. L. C. V. O. (1995) *Digressão: uma estratégia de condução do jogo textual-interativo*. Tese de Doutorado, USP.
- ANDRADE, M. L. C. V. O. (1998) “Contexto e funcionamento do discurso oral”. In: *Revista da ANPOLL*, n. 4, jan/jun, p. 203-220.
- BRAIT, B. (1994/1995) “A construção do sentido: um exemplo fotográfico persuasivo”. *Língua e Literatura*, n. 21, p. 19-27.
- DIAS, A, R. F. (1996) *O discurso da violência: as marcas de oralidade no jornalismo popular*. São Paulo: EDUC/Cortez.
- DASCAL, M. e KATRIEL, T. (1979) "Digression a study in conversational coherence". In: Petofi, J. S. (ed.) *Text vs. sentence*, Hamburg, Buske, vol. 29, p. 76-95.
- DIXON, P. (1992) *Os contos de Machado de Assis: mais do que sonha a filosofia*. Porto Alegre: Movimento.
- HALLIDAY, M. A. K. (1989) “Part A”. In: Halliday, M. A. K. e Hasan, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Series Editor: Frances Christie, Oxford: Oxford University Press.
- HASAN, R. (1989) “Part B”. In: Halliday, M. A. K. e Hasan, R. *Language, context, and text: aspects of language in a social-semiotic perspective*. Series Editor: Frances Christie, Oxford: Oxford University Press.

- IBAÑEZ, R. (1998) "El contexto del evento verbal". In: *Atas do IX Congresso Internacional da ALFAL* (agosto de 1990) - vol. IV Comunicações. Campinas: IEL – UNICAMP, p. 353-365.
- KOCH, I. G. V. (1990) "A propósito: existem mesmo digressões?". In: *Cadernos de Estudos Lingüísticos*, n. 19: 123-126.
- LANDOWSKI, E. (1989) *La société réfléchie*. Paris: Seuil.
- LAJOLO, M. (1980) Machado, um arquiteto de personalidades. In: *Literatura Comentada*. São Paulo: Abril Educação, p. 99-106.
- MARCUSCHI, L. A. (1986) *Análise da Conversação*. São Paulo: Ática.
- MAYNARD, D. W. (1980) "Placement of topic changes in conversation". *Semiotica*, 30: 263-290.
- MOISÉS, M (1978) *Dicionário de termos literários* 2.ed., São Paulo: Cultrix.
- VIOLLET, C. (1986) "Interaction verbale et pratiques d'interruption". *DRLAV*. 34-35: 183-193.

## FONTES

- ANDRADE, M. L. C. V. O. (1998). *Digressão e configuração contextual: a manifestação da relevância*. Relatório para estágio probatório – *Corpus*. São Paulo: Universidade de São Paulo.
- ASSIS, M. (1979) "O espelho". In: *Obra Completa* Vol. II. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, p.345-352.
- CASTILHO, A. T. de e PRETI, D. (org.) (1987) *A linguagem falada culta na cidade de São Paulo: Diálogos entre dois informantes*. São Paulo: T.A.Queiroz/FAPESP, vol. II.
- Revista Veja*. São Paulo: Editora Abril – edição 1600, ano 32, n. 22, 2 de junho de 1999.
- Revista Veja*. São Paulo: Editora Abril – edição 1602, ano 32, n. 24, 16 de junho de 1999.
- Revista Veja*. São Paulo: Editora Abril – edição 1617, ano 32, n. 39, 29 de setembro de 1999.